

PRÁTICAS E DESAFIOS DA DIDÁTICA NO ENSINO SUPERIOR

Priscila Mendes Graña Oliveira ¹
Adriana Antônia de Oliveira ²
Rafael Alves dos Santos ³
Tácio Macedo Silva ⁴
Simone Teixeira da Luz Costa ⁵

INTRODUÇÃO

De acordo com Anastasiou e Pimenta (2002), conceitua-se didática em sentido amplo, especificamente as orientações e procedimentos de ensinar; em sentido pedagógico envolvendo também as questões sócio morais; e como área de estudos.

Segundo Perrenoud (1999) o sucesso do ensino está atrelado às mudanças e considerando as implicações dessas mudanças no ofício de docente, a abordagem por competências junta-se às exigências da focalização sobre o aluno, da pedagogia diferenciada e dos métodos ativos, pois convida firmemente os professores a: considerar os conhecimentos como recursos a serem mobilizados, trabalhar regularmente por problemas, criar ou utilizar outros meios de ensino, negociar e conduzir projetos com seus alunos, adotar um planejamento flexível, indicativo e improvisar, programar e explicar um novo contrato didático, praticar uma avaliação formativa em situação de trabalho, dirigir-se para uma menor compartimentação disciplinar.

Neste trabalho tem-se como principal objetivo discutir sobre a prática e os desafios da didática no ensino superior descrevendo a importância dessa estratégia como maneira de buscar por elementos mediadores entre a teoria e a prática docente.

Segundo Fernandez (1999) ao decidir qual o meio didático que vamos utilizar é necessário atender a uma série de considerações didáticas que influenciarão a decisão. Entre os muitos fatores de decisão para seleção de meios didáticos há aqueles que julgamos absolutamente fundamentais.

¹ Bióloga, Docente do curso de enfermagem e nutrição da Faculdade Dom Luiz de Orleans e Bragança e especialista em Docência do Ensino Superior pela UNIASELVI. (priscilagranha@yahoo.com.br);

² Enfermeira, Docente do curso de enfermagem da Faculdade Dom Luiz de Orleans e Bragança, Doutoranda em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social pela UCSAL (drika_youth@hotmail.com);

³ Pedagogo, Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade FAVENI; Especialista em Coordenação Pedagógica pela Faculdade FAEL. (rafael_ibbn@yahoo.com.br);

⁴ Graduado pelo Curso de Enfermagem da Faculdade Dom Luiz de Orleans e Bragança - BA, (enfermeirotacio@gmail.com);

⁵ Enfermeira, Coordenadora do curso de enfermagem da Faculdade Dom Luiz de Orleans e Bragança e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (Simonecosta19@yahoo.com.br).

Assim, algumas perguntas precisam ser feitas quando pretende-se formar a didática voltada para a educação superior. A primeira delas é o que nos fazemos em relação ao público considerado, das perguntas tem-se: trata-se de um grupo heterogêneo ou homogêneo: em que sentido se dá essa homogeneidade ou heterogeneidade? Em que idioma se comunicam os membros do público? Quais suas principais características sócio-econômico-culturais? Qual o tamanho do grupo? Qual o número aproximado de componentes? (FERNANDEZ, 1999).

Os meios didáticos voltados para o ensino superior deverão desenvolver-se de forma aberta para permitir aos formadores trabalhar com certa variabilidade didática; o problema do desenvolvimento, realização e avaliação dos novos meios e sistemas de telecomunicações empregados na formação poderá ser solucionado apenas com o trabalho em equipe de especialistas em meios de comunicação, tecnológicos e pedagógicos (VALENTE et al, 2001).

A metodologia utilizada, nesta pesquisa foi de caráter qualitativo, pois centrou-se numa análise de conceitos, definições e características científicas que norteiam o tema.

METODOLOGIA

Segundo Minayo (2014) a metodologia inclui concepções teóricas da abordagem e um conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo de quem está pesquisando. O presente trabalho trata-se de um estudo de caráter qualitativo. Foi realizada revisão de literatura a partir de busca em livros e artigos indexados nas bases de dados Lilacs e Scielo. A revisão da literatura tem por finalidade garantir a fundamentação científica, para preservar a segurança do leitor e abordar os conceitos de forma apropriada no material informativo.

DESENVOLVIMENTO

Castro (1991) abordou “A trajetória histórica da didática”, desde a Grécia Antiga, passando pelo movimento da Reforma e da Contra-Reforma, por Comênio, Ratke, Rousseau, Herbart, escola nova até a pedagogia progressista. Pois, como afirmam Pimenta e Anastasiou (2002, p.48), “é impossível compreender a didática à parte do mundo, da história social, da história das ciências, da Filosofia e da religião de Comênio”.

A didática iniciou sua trajetória na Grécia, a partir do século V a.C., quando o termo pedagogia significava a condução/instrução das crianças e didática se referia às escolas de instrução, as lições e aos mestres que ensinavam leitura e escrita.

De acordo com Gasparin (1994), no século XVI, a Reforma Protestante, liderada na Alemanha por Lutero, consolidou uma reforma religiosa e educacional. A Igreja Católica reagiu com a Contra-Reforma criando congregações de ensino pela Ordem dos jesuítas e instalou em 1599 seu projeto educacional com a obra Ratio atque Institutioni Studiorum, destinado às classes dominantes. No século XVII, o monge luterano Comênio escreveu “Didática Magna - Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos” de forma a criar um método único de ensino, contendo ideais ético-religiosos provenientes da Reforma, com a finalidade de ensinar a população a ler e a escrever promovendo o acesso das Escrituras dominadas pela Igreja Católica. Este autor ainda coloca que segundo a Bíblia o único meio de alcançar a Deus seria pela educação com perspectivas didático-pedagógicas.

Outro educador significativo do movimento realista foi o alemão Ratke, primeiro a usar o termo didático “para designar o investigador que estuda os princípios e regras do ensino” (LARROYO, 1982). Em 1618 escreveu um regulamento de estudos que abrangia os passos para o ensino, aprendizagem por partes, do simples para o complexo e na língua materna sendo utilizado até os dias de hoje.

Rousseau, representante do Iluminismo, com novas propostas apresentou a pedagogia naturalista reconhecendo o desenvolvimento do homem, onde a criança deixou de ser vista como um “homenzinho” e passou a ser vista como criança (HUBERT, 1976).

Castro (1991) aponta João Frederico Herbart como um grande transformador da educação por ter elaborado um método geral para o processo de instrução. Tal método consistia em o professor seguir passos formais compreendidos pela clareza, associação, sistema e método, a fim de combinar e estabelecer relações considerando-se os estágios de desenvolvimento cultural e psicológico do aluno/criança (MONROE, 1968). Até este momento a didática acompanhava a pedagogia tradicional que tinha como característica principal o professor como centro do aprendizado.

Com o movimento da escola nova, o centro do aprendizado passou a ser o aluno. A educação nova iniciou seu legado em 1889 na Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos. E posteriormente estendeu-se pela Rússia, Áustria, Itália, Espanha e Bélgica. No Brasil, a implantação da educação iniciou-se com os jesuítas durante a colonização do país, instituindo-se a pedagogia tradicional. Posteriormente, na década de 20, foram introduzidos os princípios da escola nova na educação brasileira (VEIGA, 1988).

Saviani (1996) coloca que a escola nova objetivou suprir as deficiências da pedagogia tradicional, principalmente em relação à marginalidade, visando uma equalização social considerando-se que “o importante não é aprender, mas prender a aprender”.

Em 1932 aconteceu o “Manifesto dos Pioneiros da Educação” que propunha uma reconstrução educacional influenciada pelos princípios da escola nova, tendo as repercussões desse movimento na LDBEN n.º 4.024/61 e na criação da USP em 1934. Neste mesmo ano foram introduzidos os cursos de licenciatura na USP com objetivo de fornecer aos bacharéis subsídios pedagógicos necessários ao ensino (TOBIAS, 1986).

De acordo com Veiga (1988) com o artigo 20 do Decreto-Lei n.º 1190/39, a Didática foi instituída como disciplina e curso de duração de um ano. As disciplinas do curso de Didática eram a “Didática Geral, Didática Especial, Psicologia Educacional, Administração Escolar, Fundamentos Biológicos da Educação e Fundamentos Sociológicos da Educação” (p.48). A disciplina “Metodologia do Ensino Secundário” foi substituída pela “Didática Geral” e a “Didática Especial”.

Em 1941 o curso de Didática passou a ser independente e os bacharéis poderiam cursá-lo para obter o título de licenciados, sendo chamado esquema “3+1” pelo Conselheiro Valnir Chagas, o qual era composto de três anos do curso de bacharelado mais um ano de Didática.

Com o Decreto-Lei n.º 9.053/66 o curso de Didática foi substituído pela Prática de Ensino. E os alunos matriculados cursariam a Prática de Ensino no Ginásio de Aplicação. O Parecer n.º 292/62 do Conselho Federal de Educação, CFE, sob a vigência da LDBEN n.º 4.024/61, fixou os currículos mínimos e estabeleceu as disciplinas de caráter pedagógico: “Psicologia da Educação, Elementos da Administração Escolar, Didática e Prática de Ensino” (estágio supervisionado), extinguindo a “Didática Geral” e a “Didática Especial” (VEIGA, 1988).

No começo da década de 80 contrapondo-se às pedagogias existentes, surgiu a pedagogia progressista, a qual deu origem a três tendências: libertadora, libertária e a crítico-social dos conteúdos. A libertadora e a libertária apresentavam semelhanças, pois valorizavam a experiência e a aprendizagem grupal.

A tendência crítico-social dos conteúdos diferia por enfatizar a importância dos conteúdos relacionando-os com as realidades sociais, valorizando “a escola enquanto mediadora entre o aluno e o mundo da cultura - construída socialmente - e cumpre esse papel pelo processo de transmissão/assimilação crítica dos conhecimentos, que é objetiva (...) e histórica” (LIBÂNEO, 1996).

Partindo deste breve histórico referente às origens da didática apresentam-se os conceitos evidenciados na literatura estudada. Considerou-se importante este esclarecimento entre o contexto histórico e a didática, pois justifica seus conceitos.

Nérici (1983) coloca que a didática pode ser entendida no sentido amplo e pedagógico. No sentido amplo a didática se atém aos procedimentos de levar o aluno a aprender algo. Incorporando a este conceito a didática denominada como Metodologia de Ensino, a qual era “entendida como um conjunto de regras e normas prescritivas visando à orientação técnica do ensino e do estudo” (VEIGA, 1988, p.40).

Além disso, a didática tornou-se uma área de estudos e é compreendida como “a área da Pedagogia que tem por objetivo de estudo o ensino” (ANASTASIOU E PIMENTA, 2002).

No que tange à história a literatura trata das concepções da didática que permeiam a formação de docentes de educação básica, como coloca Vasconcelos (1996):

(...) os muitos profissionais que exercem a docência de 3º grau, tendo sido formados por Cursos de Licenciatura. É o caso dos professores de Física, Matemática, Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras, entre outros, que em seus cursos de graduação tiveram, além do Bacharelado, um elenco de disciplinas de caráter pedagógico voltados para a formação de professores para atuarem na escola de 1º e 2º graus. No caso desses docentes, embora tenham tido a chamada “Formação pedagógica”, o enfoque dado em seus cursos terá sido sempre voltado para o processo do ensino-aprendizagem da criança e do adolescente, deixando, portanto, de lado o adulto a quem o professor deverá ensinar nos cursos de Graduação e Pós-Graduação.

Tal afirmação justifica novamente a importância de discutir-se a docência universitária no Ensino Superior, a qual é a responsável pela formação de futuros profissionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino superior é formado por um conjunto de atores e fatores que se fazem necessários para que o seu desenvolvimento seja de excelência. Podem ser citados como integrantes do processo ensino e aprendizagem no ensino superior o professor e o aluno. Nesse cenário, a figura docente é responsável pela formação acadêmica, no que diz respeito aos conteúdos estudados em sala de aula e em diversas situações sobre o conhecimento e a prática profissional.

Alguns desafios presentes na realidade da docência universitária são os aspectos requisitados tais como possuir conhecimentos técnicos, ser mediador do processo de aprendizagem e ter visão de futuro (GIL, 2011). Conforme Perrenoud (2000) algumas competências essenciais aos docentes são organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, trabalhar em equipe, utilizar novas tecnologias, enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão e administrar sua própria formação contínua.

Nota-se que “São muitos os trabalhos que se propõem a apresentar os atributos do bom professor. Mas quando se considera que são tantos os papéis que lhe cabe desempenhar, percebe-se que sua definição não constitui tarefa das mais fáceis” (GIL, 2011). De tal modo, é possível “[...] considerar que a efetiva prática do professor universitário repousa sobre um tripé que envolve os conhecimentos específicos relacionados à matéria, às suas habilidades pedagógicas e à sua motivação (GIL, 2011.).

A aprendizagem baseada na corresponsabilidade de alunos e professores tende a ser mais construtiva para ambas as partes e para todos que algum modo estão envolvidos nessa trajetória acadêmica. Assim, o processo de ensino e aprendizagem torna-se mais significativo. Piletti (2010,) afirma que “Há uma relação intrínseca entre o ensino e a aprendizagem. Não há ensino se não há aprendizagem.”

De tal modo, esse processo necessita de uma estruturação coerente com o desenvolvimento de suas atividades. Para uma melhor definição do plano de ensino, o professor precisa levar em consideração que é relevante conhecer os estudantes da turma a qual irá lecionar (GIL, 2011).

Tão importante para o desenvolvimento da atividade docente é entender a didática de maneira geral, mas observar que existem especificidades no Ensino Superior, possibilitando assim a abordagem condizente das disciplinas ministradas, levando em consideração à prática profissional dos cursos e as suas particularidades (DIAS, 2013).

O docente deve levar em consideração a didática na abordagem de cada um dos conteúdos integrantes da formação do aluno. Os conteúdos básicos devem proporcionar conhecimentos gerais para o discente. Enquanto, os conteúdos específicos devem versar sobre as teorias e principais fundamentos. Os conteúdos teórico-práticos, por sua vez, permitem a atuação prática do que foi aprendido em sala de aula (NÓBREGA e ADELINO, 2012).

De tal modo, buscar desenvolver a didática adequada é uma atribuição que o docente deve concentrar esforços para desempenhá-la da melhor maneira possível (VEIGA, 2010).

Pelo exposto, a didática requer uma ampla e profunda compreensão acerca do conceito e práticas a ela referentes. Para esse entendimento é relevante observar toda a situação educacional, estrutura acadêmica, atores e fatores envolvidos na formação do discente universitário. Assim sendo, para a prática docente no Ensino Superior é preciso buscar qualificar-se também buscando formação didática é de extrema relevância, tendo em vista os motivos citados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação didática de graduando constitui-se ainda como um grande desafio, tendo em vista que diante dos dados expostos não se constatou uma ampla formação em didática.

Verificou-se que a didática percorreu os caminhos da educação, primeiro voltada a alcançar Deus e, posteriormente, com a finalidade de formar o cidadão crítico. Dessa trajetória estabeleceram-se três conceitos sobre didática entendendo-a em sentido amplo, pedagógico e como área de estudos.

Constatou-se que os depoentes conceituam, em sua maioria, a didática em sentido amplo, se referindo às técnicas de ensinar. Apenas dois se aproximaram do sentido pedagógico, cabendo questões ligadas à educação e a própria docência.

Evidenciou-se que os depoentes apresentam uma leitura superficial a respeito da problemática em questão, não havendo clareza sobre a didática no sentido pedagógico - que abarca as questões sócio morais e a formação do cidadão crítico.

Diante do exposto, percebe-se que a formação didática precisa ser também inclusa na formação de diversos cursos acadêmicos a fim de buscar constante capacitação profissional. Ressalte-se que a formação didática aliada aos conhecimentos específicos possibilita uma abordagem mais enriquecedora dos conteúdos lecionados nos cursos de graduação, possibilitando assim o melhor desenvolvimento do trabalho docente.

Palavras-chave: Didática. Ensino superior. Docência.

REFERÊNCIAS

CASTRO, A. D. de. **A trajetória histórica da didática**. Idéias, São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, n.11, p. 17-27, 1991.

DIAS, Ana Maria Iorio; BARROS, Conceição de Maria Pinheiro; SILVA, Joelma Soares da; SILVA, Chirley Lima da. **Formação dos docentes em Secretariado das instituições de educação superior do Brasil.** In: Encontro Inter-Regional Norte, Nordeste e Centro-Oeste de Formação Docente para a Educação Superior, 5, 2013, Teresina. Anais...

FARIA JR. A. G. de. **Didática de educação física:** formulação de objetivos. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.

GASPARIN, J. L. **Comênio ou da arte de ensinar tudo a todos.** Campinas, SP: Papyrus, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Didática do Ensino Superior.** 1. ed. 6. reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

HUBERT, R. **História da pedagogia.** 3a. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FERNANDEZ, Consuelo Tereza. **Meios educacionais.** Brasília: SENAI/DN, 1999.

LARROYO, F. **História geral da pedagogia.** São Paulo: Mestre Jou, 1982.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 14a. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14 ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

MONROE, P. **História da educação.** 7ª. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

NÉRICI, I. G. **Didática: uma introdução.** São Paulo: Atlas, 1983.

NÓBREGA, Vanessa Sâmela dos Santos; ADELINO, Francisca Janete da Silva. **A inclusão do docente de secretariado executivo em programas de pós-graduação *stricto sensu*:** um estudo realizado junto à plataforma *Lattes* do CNPq. *Passo Fundo*, p. 76-88, n. 8, 2012. Secretariado Executivo em Revista.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

_____. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PILETTI, Claudino. **Didática Geral.** 24. ed. São Paulo: Ática, 2010.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2002.

SAVIANI, D. Os saberes implicados na formação docente. IV Congresso Estadual paulista sobre Formação de Educadores. Águas de São Pedro – PS, 30 de maio de 1996.

TOBIAS, J. A. **História da educação brasileira.** 3a. ed. São Paulo: IBRASA, 1986.

VASCONCELOS, M. L. M. C. **A formação do professor de terceiro grau.** São Paulo: Pioneira, 1996.

VALENTE, José Armando; PEREIRA FREIRE, Fernanda Maria. **Aprendendo para a vida: Os computadores na sala de aula.** São Paulo: ed Cortes, 2001.

VEIGA, I. P. A. **A prática do professor de didática.** 1988. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 1988.

_____. **Por dentro da didática:** um retrato de três pesquisas. In: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas *et al* (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: didática, formação de professores, trabalho docente.* Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.47-59.